

Já muitos livros foram escritos pró e contra a advocacia. Em geral, os advogados a defendem e os leigos a atacam, mas os livros em louvor estão em maioria. Citação fácil de qualquer apologista da profissão é Voltaire. Ele, que atacou todas as profissões, via no advogado o homem Molière que tanto ridicularizou mais nobre dos ministerios. Também medico, respeitou o advogado. Henri Robert e Giuseppe Zanardelli são os maiores depositarios de quanto se disse a favor dos manequins de beca.

Qualquer sujeitinho de anel no dedo palavra fluente na garganta e astucia nos olhos — estes sinais podem ser tambem no umbigo... — cita-os a todos o instante em defesa das suas ações, confessaveis ou inconfessaveis. E, com o mesmo desembaraço com que se serve de um só artigo para duas causas antagonicas, enfileira logo os nomes clássicos de certos advogados: Cicero, Berryer, Chauveau-Lagarde, John Adams, Lachaud, Jules Favre, Labori. Cada um representa um caso historico, todos eles elevaram a condição do advogado. Na verdade, todos esses exemplos são exceções, nada representam de duradouro, não podem servir de regra geral. Foram momentos historicos, particulares, singulares, unicos, individuais, nasceram das circunstancias sociais. Mas, contudo, nobre profissões, a do advogado...

Pois bem, já que outros fizeram elogios, eu tenho o direito de não os fazer. Se os fizesse, perder-se-iam entre os muitos outros já feitos. Não os fazendo, o resultado será o mesmo. Não faz mal. Pelo menos, direi a todos os supostos defensores da justiça o que sempre pensei dos seus negocios e dos seus livros. E tenho esse direito, porque tambem sou bacharel e ainda não comecei a advogar. Cursei uma Faculdade durante cinco anos. Foi onde aprendi

O grande advogado

(oo)
De EVARISTO DE MORAES FILHO
(Especial para DOM CASMURRO)

216
28/6/11
di os fundamentos teoricos e os processos práticos de luta pelo bem, pelo verdadeiro, pelo justo. Só não ensinavam como tirar dinheiro do bolso alheio, porque isto ficava a cargo dos alunos mais espertos. O professor não poderia ensinar uma coisa proibida pela deontologia profissional. E, diga-se de passagem, que pelo código o da profissão de advogado! Mas é pena! Para não fugir à regra, o nosso código só ficou na letra da lei, ninguém o cumpre. E' mais um argumento de que direito não é, deve "ser"...

Tudo quanto eu vou dizer a respeito do grande advogado cabe tambem ao grande medico. No retrato dos dois só o diploma e a cor do anel são diferentes. Por isso ao atacar o advogado refiro-me tambem ao medico. A situação é a mesma, os expedientes são os mesmos, os resultados são, os mesmos. Deve-se tambem diferenciar o grande advogado do pequeno. O parasita da profissão é o primeiro, vive tão longe da rua D. Manuel como a terra do sol. Dela, ele só recebe o "dourado"...

Ninguém é advogado por achar nobre a profissão. O que se procura na advocacia é o dinheiro, é a fortuna. NOS dias de hoje, a advocacia transformou-se em méra industria ou em comércio vil. O grande advogado é um patrão, tem empregados paga ordenados, mantém horarios de trabalho. Os pobres coitados recém-formados recebem o ridiculo salario de 200\$000 mensais, entrando às 8 horas da manhã e saindo às 5 da tarde. E faz todo o serviço, dentro e fóra do escritorio. Só não faz a limpeza, nem engraxa os sapatos do patrão. O escritorio do grande advogado — magnata da profissão —

é uma verdadeira agencia de negocio, na qual ele é o chefe. Na maioria das vezes, todo o seu trabalho se reduz a assinar papeis já corretamente preenchidos por terceiros. E, em outras, nem isso o faz. Quem os arrazoa tambem não é ele. Ele paga a um entendido (!) em direito para os arrazoar, mediante uma bela recompensa de 4.000\$000 e com a condição do verdadeiro autor perder o seu direito do escrito. Não fica a velhacaria do grande advogado.

A profissão não é nobre? E ele não se diplomou para fazer justiça? Por isso ele sai "nobrememente", a procura dos humildes, dos esbuhados dos pobres — tão cheios de direitos

e vazios de dinheiro! — que não podem iniciar suas ações. Empréstamos de dinheiro, patrocina suas causas em troca de uma simples condição: zinha sem importancia: ele deve receber 50 %, 75 % e às vezes 90 % do resultado final. Pois, não é verdade que sem o seu custeio eles não conseguiriam? E não é preferível um a zero? Sem o custeio e a proteção dele, eles morreriam pobres como sempre viveram. E assim mesmo, aqui é como no caso da água: ele só patrocina as causas que já estejam virtualmente ganhas, que lhe dêem lucro certo, que estejam com toda a razão e nas quais não haja nem de longe uma sombra de duvida quanto ao resultado. E' a isso que ele chama de nobreza, de risco, de desinteresse, de defesa dos desprotegidos. E muito grande advogado enriqueceu á custa desses gestos de justiça e desprendimento. Honestamente...

De direito, ele só sabe que existe o nome. Pois, não é com o direito que ele consegue transferir o dinheiro dos outros bolsos para o seu cofre, não é o seu instrumento de industria? Mas o seu conhecimento fica nisso, como o do ladrão que desconhece a constituição metalica da gazu'a. Não o estuda, usa-o sómente na medida da sua utilidade. A's vezes, possui grandes bibliothecas, porque em direito quasi todos os livros são de consulta. E os de doutrina, ele só os lê nos pedaços que lhe interessam. Para cada causa, ele — quando não tem arrazoador pago — compra alguns livros em francez e italiano e os abre nas páginas onde está o seu interesse. Em um livro de 500 páginas, só 10 ficam lidas. Para que ler todo o livro, perder tempo com tanta doutrina, tanta ciencia inutil? O grande advogado desconhece tudo, ignora tudo. Não tem cultura geral, não conhece direito. Sua habilidade está nas pontas do polegar e do indicador da mão direita. Da esquerda, se fôr canhoto.

Para o advogado conseguir êxito na profissão tem de frequentar as altas camadas da sociedade, tem de ser honrado de salão. Precisa ser amigo dos grandes industriais, dos grandes politicos, dos grandes banqueiros. Tem de ser lisongeador, falso, hipócrita. O grande advogado só vive metido em casaca, cada noite em casa de um magnata qualquer, a arrastar os pés e a dizer sensaborias. O grande advogado vive na sombra do grande industrial.

EX. 2

IAEMF 34 415/33

é seu aliado. Não ha diferença nenhu-
ma entre o grande advogado e o ca-
pitalista. A sua linguagem é a mes-
ma: a do capital. Para mais segu-
rança do seu negocio, o grande advo-
gado mete-se na industria, faz-se di-
retor de companhias, transforma-se
em acionista de sociedades de toda es-
pecie. Muitas vezes, é até sindical-
zado em uma associação de classe pa-
tronal. Já se foi o tempo em que o
advogado era um liberal-democrate
na profissão, isto é, o tempo em que
ele abria, escriptorio, com sua table-
tazinha portatil, e ficava esperando
pelo constituinte. Nos dias de hoje,
quem cair na asneira de fazer isso
morrerá de fome, mais magro que o
Ghandi, dentro do escriptorio, e só se
descobrirá o seu cadaver pelos uru-
bu's no telhado da casa. Toda a ad-
vocacia de hoje é de partido, é de lu-
cro certo. Já se vão rareando os ad-
vogados boemios, descuidados, livres,
que não pensavam no dia de ama-
nhã. Tinham confiança no seu talen-
to e sabiam porque tinham escolhido
uma profissão liberal. A advocacia de
hoje é burocrática, tem livro de ponto,
tem dia de pagamento, mas tambem
tem cabresto. É é mais difficil se con-
seguir um lugar desses do que uma
promotoria. Na advocacia, como em
qualquer ramo de industria, ha mono-
polio "trust, cartel". Por isso o maior
herói dos tempos presentes é o advo-
gado anônimo e modesto que abre,
como qualquer quitandeiro, u'a meia
porta, em Cascadura. Ou é um idea-
lista, ou um faminto.

O que sobra dos grandes advogados
é disputado desesperadamente, além
do bem e do mal. A concurren-
cia, fora dos monopolios, torna-se encar-
nicada. Todos os meios são usados.
Uns procuram os outros pra entrar em
acôrdo, para conseguir um "bico" na
causa. Se não o conseguem direta-
mente com o colega, voltam á carga
por intermedio da mulher, dos filhos,
dos pais, de todos os parentes e ami-
gos do patrono da causa. Se nem as-
sim o conseguirem, então não ha ou-
tro remedio: a luta está aberta entre
os dois. Todos os desfôros são ditos
mutuamente, todos os pôdres reais ou
imaginarios são expostos em publico.
E só assim, ás vezes, é que o advogado
consegue o tal "bico"...

Em materia de concurren-
cia tudo é possivel, desde o que tem agentes
espalhados pelas delegacias até os que
fazem propaganda negativa dos cole-
gas. Ha tambem os acompanhadores
oficiais de enterros de 1ª classe. Uma
família rica nunca tem tantos amigos
advogados como quando morre o seu
chefe. Todos foram amigos dele em
vida, a todos ele devia um favor, to-
dos têm preferencia. E, depois, da

passagem do abutre-jurista pelo pro-
cesso, o espóllo da familia diminuiu
de muito e o dele aumentou tambem
de muito. Nisto o advogado chega até
a se aproximar do medico, mestre
clássico e campeão absoluto dessas co-
branças póstumas.

O ponto mais triste e trágico que o
intellectual honesto encontra na advo-
cacia é o da justiça juridica no ponto
de vista social. Expliquemos: quando
o bacharel deixa a Escola já encon-
tra uma acabada sistemática juridica,
todos os codgios já estão prontos e
desde ha muito em vigor. Ele pôde
procurar fazer justiça, ele pôde tirar
de um lado e colocar em outro, tudo
lhe é permitido, mas só dentro de es-
tabelecido em lei. E' o mesmo que co-
locar um peixe dentro de um aquario
e chamar a isso de liberdade. Se o
direito é a injustica estabelecida em
lei, se o direito é só acomodação de
fato, se o direito é o preconceito fi-
xado em normas, como fazer justiça
dentro dessa inquestiga? Tudo isso
est á muito melhor escrito no "Crain-
quebille", de Anatole France.

Por essas, que eu escrevi, e outras,

que não tenho tempo de escrever
nem conveniencia de dizer, é que eu
sempre aconselho a todos que como
çam o curso da Faculdade a desisit
e se dedicar á industria, ao alto co-
mercio, á politica, a qualquer um
outra cavação. Dá mais resultado
eu juro que este conselho é sinc'
Não é advocacia...